

# Revista Filosófica de Coimbra

vol.19 | n.º38 | 2010

Mário Santiago de Carvalho  
Fernanda Bernardo  
Mário Jorge de Carvalho  
Michael Marder  
Marco Lamanna  
João Carlos Brum Torres  
Gonçalo Marcelo  
Marisa das Neves Henriques

“SINGBARER REST”:  
ou o que do resto aflora no poema – *como* o próprio poema:  
Celan – Derrida

FERNANDA BERNARDO\*

Nota de Leitura de Ginette Michaud, *Juste le Poème, Peut-être (Derrida, Celan) suivi de SINGBARER REST : l'amitié, l'indeuillable*, collection de l'essart, nr. 5, le temps volé Éditeur, Montréal, 2009, 196 páginas.

A beleza, uma beleza discreta e requintada foi – como não confessá-lo? – o que de imediato começou por tocar e prender a minha atenção nesta edição em tons pastel incisada a vermelho e negro de formato quase quadrado que, na sua contra-capa, ousa confessar-se impressa «*pour le plaisir de l'ouvrage*»: composta em *Garamond* corpo 8, 10 & *Letter Gothic Std* corpo 9 a partir de uma *maquette* de Marc Desjardins, que é também o seu editor, paginada na margem inferior, à direita, *apenas* pelos ímpares; *cada exemplar* numerado à mão na última página a tinta vermelha «aquafuge *ColorBox* sem ácido» e, na mesma página e com o mesmo papel, para além de assinado à mão a plumbagina pela Autora & pelo Editor, acompanhado por um marcador em cujo branco lunar se encontra inscrito o número do volume no qual se encontra inserido, dir-se-á, talvez não sem justiça, que, sem ponta de estetismo, esta obra de Ginette Michaud, *Juste le Poème, Peut-être (Derrida, Celan)*, seguida de *SINGBARER REST: l'amitié, l'indeuillable*, faz jus ao *pensamento* de Jacques Derrida a partir do cuidado colocado na sua configuração formal: um *pensamento* para o qual o dito aspecto formal da obra ou enquanto obra não é de todo indiferente ao que através dela e nela se tenta dizer – pense-se, nomeadamente, em obras como *Glas*, ou como *Un ver à soie*,

---

\* Departamento de Filosofia, Comunicação e Informação (FLUC).

ou como *Marges, de la philosophie* –, dizendo ao mesmo tempo o seu essencial “*desœuvrement*”, e portanto, e a par da sua singularidade, o seu ateologismo. O que se torna particularmente evidente no seio de uma mesma colecção – como é, a título de exemplo, o caso da colecção «*la philosophie en effet*» da Editora Galilée que deu à estampa obras do próprio filósofo em formato muito diverso. É a ideia de obra e/ou de livro que, na sua *unidentidade*, na edição de Desjardins-Michaud, tal como na referida colecção da Editora Galilée, se encontra sujeita a uma efectiva «turbulência geral» (J. Derrida, *La Dissémination*, Seuil, Paris, 1972, p. 9) a partir da sua composição formal e que, não raro – lembro-me da saga que foi a edição da tradução portuguesa de *Voiles* antes de chegar às mãos da Ed. Quarteto –, causa sérios problemas às editoras que acolhem a sua tradução.

E o que à sua maneira, tacteante por inexcédível tacto, Ginette Michaud se propõe fazer nesta obra centrada na questão do «SINGBARER REST» (Celan) e do que de um tal resto aflora no poema (cf. p. 11) (*e como o próprio poema*) ou na sua tradução à prova do intraduzível – uma obra estruturada em torno de três escritos de tal forma co-implicados que, para além do *post-scriptum* que abre o “*terminus*” do primeiro e do último, mais parecem o “*post-scriptum*» uns dos outros: «Juste le poème, peut-être» (p. 13-78) que intitula a própria obra; «ASCHENGLORIE, de Paul de Celan: “point d’intraductibilité”, les enjeux d’une traduction “relevante” de Jacques Derrida» (p. 79-133) e «SINGBARER REST: l’amitié, l’indeuillable» (p. 135-183) – é dar conta do que se passa entre a obra poética de Celan e a obra filosófica de Derrida, atentando na inscrição do “encontro singular” e, portanto, na relevância testamentária e poética, poético-testamentária da obra de Paul Celan no pensamento e na obra de Jacques Derrida – uma relevância que Michaud estima como «*única*» (cf. p. 8, nota 4). Como “único” terá igualmente sido, quer o encontro poético-pensante de Heidegger com a poética de Hölderlin, quer o desencontro entre Celan e Heidegger num dia do verão de 1967 em Todtnauberg – para nada dizer do desencontro entre Celan e Adorno em 1959, de certa forma só indirectamente convocado na obra de Michaud (cf. p. 124) ao nível da problemática sobre a qual reflecte: encontros (o de Derrida com Celan e, através da assinatura poética deste, o seu desencontro tanto com a leitura gadamariana de Celan (cf. p. 53-55) como com a leitura heideggeriana de Hölderlin (cf. p. 73-78); o de Heidegger com a poética de Hölderlin e o de Celan com Heidegger testemunhado no enigmático *Todtnauberg*) a mais de um título convocados nesta obra para sublinhar o diferendo, *insolúvel*, entre a hermenêutica filosófica e a desconstrução derridiana acerca do poema e do pensamento do poema, bem mais, no meu entender, do que entre a filosofia de língua francesa e alemã (cf. p. 49) – ainda que um tal diferendo passe *também* pela questão da língua

e pela relação da filosofia com a língua ou, mais precisamente, com o idioma, tendo em conta o facto de a *experiência* da língua ser uma experiência comum à poesia, à literatura e à filosofia. Como Derrida no-lo lembra por todo o lado na sua obra, e muito especificamente no seu primeiro livro dedicado à poética de Celan – em *Schibboleth* (Galilée, Paris, 1986) (cf. p. 96), precisamente. E Derrida lembra-o para lembrar justamente o esquecido, o demasiado esquecido pela filosofia. Não menos que para lembrar a necessidade do “diálogo ininterrupto” entre o filósofo e o poeta (tal como entre o poeta e o próprio poema) – um diálogo interrompido, pelo menos, desde a expulsão do poeta da cidade por Platão, e agora a ser diferentemente repensado por Heidegger, Celan e Derrida, nomeadamente, como do princípio ao fim esta obra de G. Michaud exemplarmente o atesta (cf. p. 77). Uma expulsão que poderá ler-se diferentemente, fazendo do *poeta*, a par do pensador, a sentinela hiper-vigilante da *polis*. Numa palavra, o arauto da *resistência* – da mais irredentista das resistências.

E uma *relevância testamentária* que, no justo entender de G. Michaud, não deixa de solicitar também a importante questão de saber, não tanto «para quê poetas em tempos de penúria?» («in dürft’ger Zeit») (Hölderlin/Heidegger), mas *antes* o que significa *sobreviver*, que o mesmo é dizer *testemunhar poeticamente* «en ces temps de plus d’un temps» (J. Derrida, «Comment nommer?» in *Le poète que je cherche à être, Cahier Michel Deguy*, La Table Ronde/Belin, Paris, 1996, p. 183 – citado por G. Michaud na p. 26). Nestes tempos por isso, necessariamente, «*out of joint*». Sempre «*out of joint*» – mas sempre «*out of joint*» singularmente. Necessariamente.

O que é dizer que é também o alcance e o desafio “ético” e “político”, *singularmente* ético-político não só do *pensamento* mas também do *poema* e da *tradução*, da tradução do poema, bem como do que liga a questão da tradução à própria *experiência* poética (cf. p. 85), que Ginette Michaud se propõe aqui perscrutar, não só ao nível da *assinatura poética* de Celan, mas também, e *sobretudo*, na leitura ou na interpretação, na leitura que é uma interpretação que Derrida dela faz na sua própria obra – uma leitura que, diferentemente da empreendida por Gadamer de *Cristaux de Souffle* de Celan, em *Wer bin Ich und wer bist Du? Kommentar zu Celans “Atemkristall”*, Ginette Michaud tem pela eticidade (cf. p. 38) ou pela justiça mesma da leitura *se a há* (cf. p. 40, 69). Porque é também a *questão da leitura* (fiel, tocante ou responsável e, enquanto tal, não apropriadora e necessariamente melancolicamente enlutada) que, nesta obra de Michaud, está em questão – a *questão da leitura* como a própria questão da “poética”, da “ética” e da “justiça”:

«C’est bien d’éthique de la lecture, et d’éthique dans la lecture, prenant acte en elle de manière *poétique*, qu’il faudrait parler» (cf. p. 28).

E para tal, para dar conta desta relevância poético-testamentária, G. Michaud não cede à tentação de desenhar a cartografia de todas as inscrições dos versos de Paul Celan na obra de Derrida, procedendo ao seu levantamento exaustivo – o que, como não ousar também dizê-lo? de certa forma não pode deixar de se lamentar numa obra deste teor. Sobretudo quando uma tal inscrição não vai muito para além da assinalada pela autora: «Ma visée», assume no entanto Ginette Michaud, «n'étant pas, [...] de relever systématiquement toutes les occurrences des vers de Celan» (p. 40) na obra de Jacques Derrida.

Tal como não cederá também à tentação de pretender desvendar o segredo que, para sempre, terá selado o «encontro singular» do poeta e do filósofo. Ou talvez, e talvez mais precisamente, do filósofo com o poeta – e talvez mais precisamente porque as obras de Derrida parecem não abundar na *Bibliothèque Philosophique. Catalogue Raisonné des Annotations de Paul Celan* (Éditions Rue d'Ulm / Presses de l'École Normale Supérieure, Paris, 2004). Pelo menos nos termos em que obras de outros filósofos – de Adorno, de Buber e de Heidegger, nomeadamente –, dela constam. E dela constam anotadas. Seja ele a título de demarcação crítica...

Segredo do encontro do qual o próprio filósofo falava já no fim dos anos 70. Bem antes, pois, tanto de *Schibboleth* (1986) como da entrevista concedida, em Junho de 2000, a Évelyne Grossman com o título «La langue n'appartient pas» para a edição do volume da revista *Europe* (79 ième année - n° 861-862 / janvier-février 2001) consagrado a Paul Celan. Ginette Michaud demonstra uma vez mais nesta sua obra saber *de cor* que o segredo, que Derrida confessa amar, deve ser bem guardado – como segredo, justamente. Como o seu *Tenir au Secret* (Galilée, Paris, 2006) já o havia também testemunhado, ao mostrar, não sem subtilidade, que, como a literatura, o poema se encontra *nas vezes* do segredo que rende ou reveza sem todavia revelar. Em sede derridiana, segredo conjuga-se com alteridade absoluta. Mas também com poema. E com literatura. E com singularidade. E com responsabilidade. E com pensamento. E com “democracia por vir”. Nomeadamente. No fundo, com a intangibilidade amada e, portanto, responsabilmente respeitada de um limite. Não obstante, G. Michaud faz questão de no-lo lembrar – diz na página 26 do seu livro:

«Car ce qui se passe au juste entre cette œuvre philosophique et cette œuvre poétique, bien malin qui pourrait le dire, même en tentant de dresser la liste de toutes les citations, explicites ou allusives, de tous les signes, discrets et même secrets, de cette rencontre singulière.»

Derrida terá, aliás, sido o primeiro a confessar o quanto o seu «encontro singular» com Paul Celan lhe era *impensável*. E isto talvez naquela que,

tanto quanto sei, terá sido, não só a primeira referência na sua obra aos seus encontros pessoais com Celan – que, no seu dizer, datam de uma viagem a Berlim em 1968 a convite de Peter Szondi –, mas talvez também a primeira citação de um verso de Paul Celan na sua obra – na verdade, a citação de toda uma estrofe de um poema numa passagem onde estava justamente em questão a terrível ambiguidade da “escrita” na sua relação com o nome ou com o evento de que é *ao mesmo tempo (ama)* tanto a celebração quanto a deploração. Por outras palavras: o resto («le reste, cet autre nom du poème» dirá Michaud, p. 11), a “bênção petrificada” (“versteinerten Segen” de Celan) ou a cinza. A “escrita” não deixa de rasgar ou de incinerar o que *ao mesmo tempo* guarda – como parece sugeri-lo o intraduzível título de Derrida *Feu la cendre* (Ed. des femmes, Paris, 1987). E como igualmente não deixa de testemunhá-lo a singular intraduzibilidade da última palavra («*Verderben*») do poema de Celan, espécie de «*nuit de la langue.*» (cf. p. 182) no dizer de Michaud, que dita e alimenta o «*Post-scriptum*» (p. 173-182) de «*SINGBARER REST : l’amitié, l’indeuillable*» que integra a parte final da sua obra (p. 135 ss): «*Welches der Worte du sprichst – / du dankst / dem Verderben.*» // «*Quel que soit le mot que tu prononces – / tu remercies / la perdition.*» na tradução de V. Briet. Uma singular intraduzibilidade que, como Michaud refere, torna a tradução de «palavra a palavra» – a única que, no dizer de Derrida, merece o nome de tradução – literalmente impossível (cf. p. 94), plasmando o desafio da tradução do poema (cf. p. 176) e selando a sua melancolia. A melancolia tanto do poema, do próprio poema, como da sua tradução.

Mas ouçamos Derrida a confessar o quanto o seu encontro com Celan lhe era, a ele próprio, *impensável*. É num dos “Envois” de *La Carte Postale*, datado de 23 de Junho de 1979, e no âmbito da sua evocação de um simpósio dedicado a Peter Szondi – o amigo comum do poeta e do filósofo que terá estado na origem do seu encontro pessoal: uma evocação onde é já a questão do *portar* ou do *carregar* (*porter, tragen*) o outro que está em questão («*Ils forment un couple, pour moi maintenant, pour moi et avec moi*», eu sublinho), e portanto a questão do luto, da melancolia, da responsabilidade e da amizade. A questão do luto (impossível) em termos de melancolia e à prova da amizade – como a prova ou como o testemunha da amizade:

«Il y fut beaucoup question de Celan. Sa femme était là. Elle porte un nom étrange [*Gisèle Lestrangre*, assim se chamava a mulher de Paul Celan]. Je ne la connaissais pas et nous nous sommes salué presque sans rien dire. Il était entre nous. Pas fini de m’expliquer avec ces deux suicides (deux noyades aussi, tu sais de quoi je parle) et avec ces deux amitiés (entre eux et entre nous). Ils forment un couple, pour moi maintenant, pour moi et avec moi. Ce qui s’est passé, derrière nos rencontres rares et muettes, cela me reste impensable, d’autres m’en parlent maintenant avec insistance, en France et en

Allemagne, comme s'ils savaient pour avoir lu. La voix tremblante j'ai risqué quelques mots quand on m'a donné la parole, j'ai prononcé le nom de Celan tout en m'y refusant. [...].»

E este envio datado de Junho de 79 termina com a citação de toda uma estrofe do poema *Mit Brief und Uhr* de Paul Celan – e no idioma poético do próprio Celan, note-se, para sublinharmos já o liame que Ginette Michaud não se cansará de sublinhar – sobretudo no segundo texto que compõe o corpus da sua obra (cf. p. 79-133) – entre a questão do idioma e a da tradução, enfatizando o “point d'intraductibilité” (cf. p. 83) e, portanto, o irredentismo soberano do poema (cf. p. 73 ss). Eis a citação de Derrida de Paul Celan em «Envois»:

«Wachs, / Ungeschriebnes zu siegeln, / das deinen Namen / erriet, / das deinen Namen / verschlüsselt.», c'est Celan, *Mit Brief und Uhr*, dans *Sprachgitter* qu'il m'avait donné en 1968.» (J. Derrida, «Envois» in *La Carte Postale – de Socrate à Freud et au-delà*, Flammarion, Paris, 1980, p. 211-213)

Ainda assim, não cedendo embora à tentação de fazer o levantamento de todas as citações, «explícitas ou alusivas», da obra poética de Celan presentes na obra de Jacques Derrida, Ginette Michaud não deixará no entanto de proceder ao seu levantamento quase exaustivo, sublinhando ao mesmo tempo o alcance “ético” e político-filosófico de tais citações e da sua reiteração (cf. p. 40): «sans avoir la prétention de relever toutes les traces de la poésie de Celan dans le travail philosophique de Derrida,», diz

«je voudrais au moins donner une idée de leur importance, de leur insistance, et surtout de leur intensité toujours plus accentuées dans chaque resurgissement. Car même en laissant de côté *Schibboleth*, il est en effet difficile de ne pas être frappé par l'approche singulière adoptée par Derrida à l'endroit des vers de Celan – des vers plutôt que des poèmes, j'y insiste, presque toujours les derniers ou premiers vers, donc soit saisis en position extrême d'exergue ou d'envoi épigrammatique, soit disposés par lui dans ses «commentaires» selon un mode radicalement ruptif, irruptif ou disruptif qui en accentue toujours l'impact solitaire.» (p. 31)

É assim que, para além da referência à obra de 1986, *Schibboleth* – obra que integra o texto de uma conferência proferida por Derrida em Outubro de 1984 no contexto de um *International Paul Celan Symposium* na universidade de Washington, Seattle, e que, nas palavras de Ginette Michaud, parece datar o momento da *aliança* de Derrida com Celan: «On sait bien qu'avec *Schibboleth* une alliance a été engagée et signée, qui s'est traduite depuis cette « date » (et sur cette question de la date) par une fidélité, une

loyauté indéfectibles de la part de Derrida à ce poète penseur de la langue allemande qu'est Celan» (p. 26-27) –, é pois assim que, para além da referência a *Schibboleth*, a leitura de Ginette Michaud não deixará de aludir à aparição de versos de Paul Celan, quase sempre isolados, como é do seu timbre, e em jeito de *Anspruch*, em obras de Derrida tais como:

1) – *Feu la Cendre* (1987), onde, diz,

«l'inconsistance de la cendre, l'incinération comme figure du deuil impossible-infini et surtout la phrase revenante cryptée dans sa lisibilité même – «Il y a là cendre» – ne peuvent pas ne pas réinscrire le nom de Celan.» (p. 32)

2) – «Un ver à soie» (1998), obra na qual G. Michaud apenas referirá o verso inscrito, no próprio idioma poético de Celan, no terceiro e último capítulo da obra de Derrida – um verso a cuja leitura Michaud retornará nas páginas 119-122 e 157-158 da sua obra, depois de uma breve referência aos desafios e aos traços gerais da tradução para Derrida (cf. p. 83-109), para dar conta da condição de «Derrida tradutor» (cf. p. 110-130) na sua quase-tradução de um poema de Celan em «Poétique et Politique du Témoignage» (em *Cahier de l'Herne – Derrida*):

«Revient également en mémoire le «vrai souvenir d'enfance», le récit de rêve quasi autobiographique qui clôt de manière abyssale «Un ver à soie» dans *Voiles* où Derrida cite mais sans le nommer autrement que par «ASCHENGLORIE» le vers «*grub ich mich in dich und in dich*» qu'il laisse intraduit, en allemand donc, ce qui lui confère une portée incommensurable, tout ce vrai-faux souvenir d'enfance se tissant, s'enfouissant littéralement dans ce vers de Celan qui apparaît dès lors comme le cœur secret, propre-étranger, intrus extrudé, chose palpitante portée par tout ce texte aussi bien que le portant elle aussi, en une incroyable scène «primitive» conjoignant à la fois la naissance et la mort, la violence érotique et sexuelle.» (p. 32)

3) – «Témoignage et Traduction. Survivre en Poète» (1995):

«dans cette conférence, traduite en grec, en serbo-croate, puis en anglais (et ces «sorties» hors de la langue maternelle disant aussi quelque chose du rapport à Celan quand à la langue et à une langue idiomatique et souveraine, irréductible), Derrida citait d'entrée de jeu le vers de Celan, dans la traduction d'André du Bouchet (précisant : «je préfère pour l'instant la citer plutôt que m'y risquer moi-même») : Nul / ne témoigne pour le / témoin.» (p. 33)

E, atenta ao que diz ser a «profonde imprégnation de la poésie de Paul Celan dans le travail philosophique de Jacques Derrida» (p. 27), Ginette



Michaud não deixará de sublinhar também a insistência da aparição deste mesmo verso – «Nul / ne témoigne pour le / témoin» // «Niemand / zeugt für den / Zeugen» –, ora traduzido na língua do filósofo ora não, perseguindo-lhe e assinalando-lhe o trajecto e o alcance “ético-político” na obra de Derrida – um verso que no justo dizer de Michaud diz a gravidade (*porter, tragen*), a imensa gravidade da responsabilidade do testemunho poético-pensante: uma gravidade gravada na poética celaniana, uma autêntica poética da resistência (*stehen*) e ou da sobrevivência, pela insistência do léxico em torno de verbos como *wühlen, graben, stehen...*

- em *Demeure – Maurice Blanchot* (1998), «où ce vers, cité seulement dans une note infrapaginale, soutient pourtant toute l’argumentation sur le témoignage, la responsabilité et la vérité *en et de* fiction qui est déployée dans cet essai» (p. 34) ;
- no *excipit* de *Fichus* (2002), onde «le vers est cité seul, de manière lapidaire et absolue, détaché de tout « contexte » («Celan : «Niemand / zeugt für den / Zeugen.»»)), en allemand, là encore sans souffrir aucune traduction, laissant retentir son appel comme une signature – la signature de l’Autre sans appel.» (p. 35)
- e em *Béliers*, «où tout tournera autour des limites internes et externes, du *schibboleth* du poème qui «s’expose et se dérobe à nous, [qui] nous attend, nous nous attendons encore précisément là où *Niemand / zeugt für den / Zeugen.*»» (p. 35).

Será porém o último verso do poema «Grosse, Glühende Wobung», o sublime «*Die Welt ist fort, ich muss dich tragen*», que reterá a atenção da leitura de Ginette Michaud. Sobretudo, embora não exclusivamente, em «Juste le poème, peut-être» (p. 13-78): título onde não é também difícil escutar o eco do «Juste retour des cendres» de Derrida (em *Feu la Cendre*, p. 43). Um verso, «*Die Welt ist fort, ich muss dich tragen*», que, no dizer de Michaud, terá sido um dos dois versos de Celan que Jacques Derrida nos terá ensinado de cor – sendo o outro, de que Michaud fez o levantamento exaustivo na obra do filósofo, «*Niemand / zeugt für den / Zeugen*». E ensinado de cor no dizer da autora

«de deux manières au moins: d’abord dans leur langue, l’allemand, et dans l’idiome singulier et rare de Celan, creusé, enfouie, dans cette langue allemande qu’il aura, comme nul autre, ex-appropriée, cette langue qui, comme toute langue (c’est sa loi), «n’appartient pas», à rien ni à personne ; puis encore autrement dans la nécessaire et impossible épreuve de la traduction, cette grande question qui est l’un des «noms» multiples de la «déconstruction.»» (p. 9).

Na verdade, este verso, «*Die Welt ist fort, ich muss dich tragen*», não diz *poeticamente* apenas o pensamento derridiano do mundo, da *origem e/ou* do fim do mundo, da singularidade ou da dita «subjectividade», da responsabilidade ética *ou* justa, da hospitalidade, da tradução e do luto no seu insanável diferendo com a hermenêutica heideggero-gadamariana, o dialogismo de Buber, o criticismo de Adorno, a psicanálise freudiana e a meta-ética levinasiana. Não. Este verso de Celan diz também o *pensamento* e o *poema* – o próprio pensamento e o próprio pensamento do poema em Derrida e para Derrida: um pensamento do portar, do suportar ou do carregar (*porter, tragen*) e enquanto tal, no registo da sua, necessariamente secreta, dissimetria heteronómica, do “saber de cor”: “de cor”, (“*par coeur*”, “*auswendig*”), quer dizer, do “saber do coração” ou da “vida”, do bater da vida antes ou para além ou diferentemente do saber. E, portanto, antes ou para além e diferentemente do poder. Antes e/ou para além das “bibliotecas do saber” que desarruma ou incendeia. E “de cor” é, Ginette Michaud lembrá-lo-á também no «Liminaire» (cf. p. 7) do seu livro, a “definição”, melhor, uma das “definições” dadas por Derrida do próprio poema, da *experiência* poemática, que o filósofo faz questão de distinguir de poesia:

«Ainsi se lève en toi le rêve d’apprendre par cœur. De te laisser traverser le cœur par la dictée. D’un seul trait, et c’est l’impossible et c’est l’expérience poématique. [...] J’appelle poème cela même qui apprend le cœur, ce qui invente le cœur», (J. Derrida, «Che cos’è la poesia?» in *Points de Suspension*, Galilée, Paris, p. 306)

Referindo a sua onnipresença na obra de Derrida a partir de 2002, sem todavia aludir à primeira vez da sua inscrição na obra do filósofo, e antes mesmo de concentrar a sua atenção na leitura exaustiva que Derrida dele propõe em *Béliers. Le dialogue ininterrompu, entre deux infinis: le poème* (2003) [trad. port. de Fernanda Bernardo, *Carneiros. O diálogo ininterrompido, entre dois infinitos: o poema*, Palimage / Terra Ocre, Coimbra, 2008], e não sem aludir também à sua insistente aparição no decurso do 2º volume do *Séminaire*, (2002-2003), *La Bête et le Souverain* (2010) (onde este verso de luto e/ou de nascença re-aparece nas páginas 31, 159-160, 243-244, p. 357-360, 367-370), Ginette Michaud começa por assinalar (e reiterá-la-á na página 143) a aparição deste verso de Celan, em jeito de exergo, no «avant-propos» (cf. p. 11) de *Chaque fois unique, la fin du monde* (2003). E, atenta ao contratempo dos dois tempos que, separados pelo abismo de uma interrupção – graficamente sinalizada pela vírgula – nele se deixam escutar; dois tempos, notemo-lo também que modulam as duas proposições – uma de recorte constativo-ontológico onde prima o verbo ser (*sein*) enunciado no presente do indicativo (*ist*) («*Die Welt ist fort*»), e outra

de recorte *como que* performativo («*ich muss dich tragen*») – que, ligadas entre si pela heterogeneidade radical da referida interrupção, dão corpo à linha deste verso, Ginette Michaud sublinha a relação quiasmática existente entre este verso de Celan, «*Die Welt ist fort, ich muss dich tragen*», e o título da obra de Derrida de 2003, *Chaque fois unique, la fin du monde*. Uma relação que deixa já antever, para além da hiper-radicalidade, tanto a incondicionalidade quanto a aporeticidade do pensamento, do pensamento da singularidade e do pensamento do poema de Derrida:

«Tout se passe en effet», escreve Michaud, «comme si une sorte de chiasme se produisait entre ces deux phrases, la première partie du vers de Celan, «*Die Welt ist fort*», se trouvant “transportée” dans la seconde partie du titre de Derrida, «*la fin du monde*», alors qu’un autre échange se joue entre la seconde partie du vers, «*ich muss dich tragen*», et la première partie du titre, «*chaque fois unique*», dont la temporalité paradoxale souligne, en la réélaborant, en la perlaborant de manière originale, la dimension philosophique, politique et éthique appelée par les mots de Celan.» (p. 39)

Será porém a aparição deste verso de Celan, ao lado de alguns outros, em *Carneiros* na cena de um assumido “ininterrupto diálogo” de Derrida com Gadamer, que Ginette Michaud privilegiará para enfatizar as questões (antes referidas) que nesta obra mobilizam a sua leitura (cf. p. 45-78; 123-130). Um diálogo cuja necessidade, como G. Michaud fará questão de sublinhar (cf. p. 43), havia aliás já sido anunciada por Derrida, em 1984, num parênteses de *Schibboleth*. Um parênteses, quer dizer, uma interrupção na continuidade do discurso e/ou do texto de *Schibboleth* que anunciava já a necessidade de um “ininterrupto diálogo” *por vir* que cruzaria a singularidade do seu pensamento com os de Heidegger, de Buber, de Lévinas, de Blanchot e de alguns outros – *alguns outros* entre os quais se situam Gadamer, Adorno, Husserl, Kierkegaard e Freud, nomeadamente. Mas também – como não dizê-lo? – o próprio Celan. E também o próprio Celan porque a *assinatura poética* deste verso, que Derrida *contra-assina* – uma assinatura que revela a índole meta-ética ou desconstrutiva do poema, do pensamento do poema, do pensamento, do mundo e da dita subjectividade – não impede a heterogeneidade da sua obra poética. De facto, como nomeadamente também Lévinas já o havia sublinhado no seu *Paul Celan. De l'être à l'autre* (Fata Morgana, Montpellier, 2002), Buber está muito presente em Celan. E portanto o seu dialogismo. Para nada aqui dizer do poema pensado como «um aperto de mão» e como a bitola do humano na «Carta a Hans Bender» (1960) ou, muito explicitamente, em termos de *diálogo* («*es wird Gespräch*»), «muitas vezes um diálogo *desesperado*» (p. 57, eu sublinho), ao tempo de *O Meridiano* (1960) [trad. port. de João

Barrento e Vanessa Milheiro, Cotovia, Lisboa, 1996, p. 41-64], lembremos o seu *Diálogo na Montanha* [*Das Gespräch im Gebirg*] (1959) para lembrar a sua *ética do diálogo* bebida no autor do *Dialogish Prinzip* e tão presente por todo o lado na sua obra, nomeadamente no seu «*Ich bin du wenn ich ich bin*» – um verso que bem pode ser visto como um contraponto da segunda proposição de «*Die Welt ist fort, ich muss dich tragen*» e a solicitar o mesmo tipo de leitura que a empreendida por Derrida a este último. Uma leitura (meta-)ético-desconstrutiva que, no tocante ao verso de Celan em questão, dá poeticamente conta da singularidade, da hiper-radicalidade e da hiper-eticidade da própria desconstrução derridiana como pensamento. Um pensamento subtraído não só à ideia fenomenológico-hermenêutica de horizonte (*Die Welt ist fort*) mas também de diálogo, cujo formalismo questiona. Um pensamento que paradoxalmente pensa e se pensa a partir desta subtracção ou deste singular distanciamento (*fort*) do horizonte do mundo (e *singular* distanciamento porque, como Levinas o refere, um distanciamento como que *contra-natura*) e, ipso facto, do diálogo, e a partir da sua ineliminável e hiper-responsável sujeição ou obrigação (*ich muss tragen*) à incondicional e dissimétrica primazia de *um qualquer* “tu” (*dich*): *um qualquer* “tu” que permite traçar o diferendo da desconstrução derridiana relativamente à meta-ética levinasiana e ao pensamento de Heidegger do poema, do mundo, da *origem* do mundo, do “humano”/*Dasein* e do animal – que permite traçar o *diferendo* da *desconstrução* relativamente à *meta-ética* levinasiana e à *hermenêutica* heideggero-gadameriana, traçando ao mesmo tempo também a hiper-radicalidade e a justiça do seu pensamento. Como Ginette Michaud bem o sublinha, enfatizando o alcance filosófico e ético, hiper-ético do verso de Celan *lido* por Derrida:

«Or voilà précisément le point de bascule dans le vers même, le cœur béant, ou battant dans la scansion de sa ponctuation sur lequel Derrida va ajuster toute sa lecture du poème, et ici encore à contretemps, de manière proprement renversante. Il va en effet invertir l’ordre des deux énoncés et poser que c’est la seconde partie du vers qui est de fait originaire, préoriginaire à l’idée même de monde : ainsi, dans la lecture qu’il propose de ce poème, c’est le performatif – mais une performativité qui excède ce qu’on entend généralement par là – qui justifie, si l’on veut, la première partie du vers. «[...] quand il [le monde] n’est même plus là (*da*) mais au loin parti (*fort*), peut-être infiniment inaccessible, alors je dois *te* porter, toi tout seul, toi seul en moi ou sur moi seul.» (B, 68. C’est Jacques Derrida qui souligne.) Ce sont là les dernières lignes de l’interprétation que fait Derrida de ce vers qui échappe à toutes catégories – sentence, verdict, appel, aphorisme : comment même le nommer, l’appeler par un nom, *son* nom ? Derrida semble d’abord suivre la ligne de pensée qui lui est dictée par le vers, l’ordre qui vient de sa dictée, de son ordonnancement.» (p. 63)

E no «*Post-scriptum*» (cf. p. 73-78) de «Juste le poème, peut-être» – um «post-scriptum» que é um testemunho eloquente de como, ditado e alimentado pelo «SINGBARER REST», um outro texto se vai abrindo no texto, no abismo ou no branco silencioso do texto, disseminando-o e suplementando-o –, G. Michaud mostra também ainda como o verso de Celan, assim interpretado por Derrida, *porta* o verso de Hölderlin, «*Denn keiner trägt das Leben allein*» / «*Pois ninguém suporta a vida sozinho*», que, em jeito de excipit, encerra *Carneiros*, reinterpretando o famoso “diálogo que somos”, que ele não deixa de sugerir, para além da leitura onto-hermenêutica de Heidegger – que o mesmo é dizer, na atenção tanto ao impossível luto do poema, que é o próprio poema, de que o poema é o testemunho, quanto ao luto originário do “eu” [«dem / Gleich fehlet die Trauer.» // «le deuil fait de même / défaut»] – um luto originário que levanta a questão: *quem é o “tu”?* *quem é o “tu” do poema?* Como o próprio poema? Qual o seu lugar? – e, *ipso facto*, na atenção à solidão do “eu” paradoxalmente tão impossível quanto derradeira [«*Aber ich bin allein*» // «*Mais moi je suis tout seul*» // «*Mas eu estou só*»] na sua ineliminável condição ou incondição de «*plus d’un*»:

«Jusqu’au dernier souffle, c’est donc toujours Celan que l’on entend, à travers la voix de Hölderlin qui le porte et, en retour (mais qui porte qui ?), tout ce qui reste du chant de Hölderlin – comment ne pas penser à nouveau à l’incipit du poème de Celan, «SINGBARER REST», reste chantable – ne peut désormais résonner à nos oreilles qu’à travers le halètement, le souffle – respiration, inspiration, soupir, expiration : comment les démêler ? – du poème de Celan.» (p. 76)

Dizíamos que o «*Post-scriptum*» (cf. p. 73-78) a «Juste le poème, peut-être» terminava este sem terminar. E isto, porque a soberania ou o irredentismo soberano do idioma poético, que ele refere, se verá traduzido, que o mesmo é dizer se testemunhará no «point d’intraductibilité» em torno do qual gravitará o segundo texto, que integra e compõe o corpus da obra de Ginette Michaud, antecipando o «indeuillable» que, testemunhando o insuprível e portanto o indialectizável e impresentificável «SINGBARER REST», intitulará o seu último escrito (cf. p. 135 ss): «*ASCHENGLORIE*, de Paul Celan: «point d’intraductibilité», les enjeux d’une traduction “relevante” de Jacques Derrida (p. 79-133). Um texto onde, elucida Ginette Michaud

«la question du rapport à la traduction de Derrida me retiendra sous plusieurs angles à la fois, théorique et philosophique, mais également du point de vue «pratique» et de l’expérience même de l’intraduisible au cœur de son propre geste de témoignage poétique et politique à l’endroit du poème de Celan.» (p. 99).

Com efeito, não só o poema é aqui referido como um exemplo, aliás como o melhor exemplo da experiência de intraduzibilidade (cf. p. 99), de uma certa intraduzibilidade – uma intraduzibilidade que, paradoxalmente,

é ao mesmo tempo um desafio e um apelo infinitos à tradução a quem revela a sua aporeticidade –, como a própria tradução, não a tradução no sentido técnico do termo, como G. Michaud ressalva (cf. p. 98), mas aproximada da experiência *unheimlich* de uma «transmission de pensée à retardement» de Hélène Cixous (cf. p. 98), é aqui tida, neste segundo texto, como um outro nome da própria desconstrução derridiana. O que não deixa de ser um modo de nos lembrar o que o próprio filósofo havia escrito na sua «Lettre à un ami japonais» (in *Psyché*, p. 393):

«Quand je parle de cette écriture de l'autre qui serait plus belle, j'entends évidemment la traduction comme le risque et la chance du poème. Comment traduire "poème", un "poème"?»).

Assim, depois de aproximar (cf. p. 83-109) o «point d'intraductibilité» do «plus d'une langue» para dar conta da aporia que, em sede derridiana, locomove a *experiência* da tradução – «plus d'une langue» que, lembremo-lo com G. Michaud (cf. p. 83-84), é uma das “definições” dadas por Derrida da *desconstrução* em *Mémoires, pour Paul de Man* –, Ginette Michaud debruça-se sobre a singularidade do gesto de Derrida-tradutor em «Qu'est-ce qu'une traduction "relevante"?» (1998), em «Poétique et Politique du Témoignage» (2000) e, finalmente, no segundo volume do *Séminaire. La Bête et le Souverain* (2010). Um gesto que Michaud tem por único – tal como Marc Crepon, que ela cita na página 102 da sua obra. A saber, a sua tradução (*relevante*) do poema *ASCENGLORIE* de Paul Celan em «Poétique et Politique du Témoignage»:

«il y aurait eu», escreve Michaud na página 110, «une et une seule traduction digne de ce nom, digne de s'appeler *relevante* au sens qu'il donne, lui, à ce mot».

E a página 99 havia já confessado o seu desejo inicial de intitular este escrito «Derrida traducteur» e de aproximar

«le cas singulier d'une expérience unique dans toute son œuvre, alors que dans «Poétique et politique du témoignage» [...] Derrida se risquait pour une toute première fois à proposer ses propres traductions du poème de Celan, *ASCENGLORIE*, ajoutant à la suite du poème cité dans sa version originale [...] les traductions en français d'André du Bouchet, en anglais de Joachim Neugroschel, et en français encore, de Jean-Pierre Lefebvre», (p. 100-101).

Um caso único que, atestando uma vez mais a responsabilidade da leitura derridiana de Celan, atestaria uma vez mais também, segundo M. Crépon e G. Michaud, a sua demarcação da aproximação heideggeriana da poesia (cf.

p. 103). Um caso único que Michaud dilucida a partir do *inumerável* da palavra poética, *na* palavra, *como* a própria palavra («*plus d'un'e*») e, conseqüentemente, a partir da sua vocação para a *sobrevivência* («*survivance*») enlutada (cf. p. 108-109). Por outras palavras, para o testemunho (*terstis, testis, superstes*). A própria sobrevivência ou o próprio testemunho poético sendo um exercício da impossibilidade do luto (cf. p. 109). Uma vocação que dá conta da «*survie en poète*» (p. 111) – e uma vocação que G. Michaud estima exemplarmente presente e a operar em «*Poétique et Politique du Témoignage*» onde, à similitude do que o filósofo fará com o verso «*Die Welt ist fort, ich muss dich tragen*», através da sua leitura-tradução, Derrida contra-assinará a própria assinatura poética grafada no poema *Aschenglorie* de Celan. Uma contra-assinatura que ilumina a sua poética/política do idioma e da tradução – e que, entre outras coisas, responde à questão de Adorno de «*como poetar depois de Auschwitz?*» E responde, mostrando como a poética de Celan respondia exemplarmente a uma tal questão – uma poética (que é uma “ética”, uma po-“ética”) do póstumo:

«O du gräbst un ich grab, un ich grab mich dir zu, / und am Finger erwacht uns der Ring.» // «Oh tu cavas e eu cavo, cavo-me para chegar a ti, / e no dedo acorda-nos o anel.»

Depois de uma referência ao dispositivo deste texto (uma vez mais a questão formal em questão (cf. p. 112-113)) estruturado em *três* partes – «(le “trois” est crucial partout ici, et dans le poème et dans la lecture de Derrida)» (cf. p. 112) –, Ginette Michaud procede à leitura das três estrofes do poema de Celan, salientando a singularidade da leitura-tradução de Derrida por relação com as traduções do poema (de André du Bouchet e de Jean-Pierre Lefebvre) em língua francesa e inglesa (Joachim Neugroschel) do original alemão (cf. p. 132-133): uma leitura-tradução esclarecedora da sua poética/política do idioma e da tradução – uma poética / política da *separação* e *ipso facto* da *singularidade*.

E o texto de G. Michaud termina com a referência ao terceiro tempo da quase-tradução do poema de Celan por Derrida (cf. p. 123-130) – concretizado através do que a autora designa de «*amitié indeuillable* entre Celan, Blanchot et Derrida dans *Béliers* et dans la préface de *Chaque fois unique, la fin du monde* –, où Blanchot est le “dernier à parler”.» (cf. p. 123): uma amizade que levaria os três a responderem, *quase* em unísono, a este nível diria eu, ou, se não em unísono, a partir do mesmo lado do mundo (que o mesmo é dizer ou partir do lado da singularidade), através do poema de Celan às três teses de Heidegger (in *Die Grundbegriffe der Metaphysik. Welt-Endlichkeit-Einsamkeit* in *Gesamtausgabe*, vol. 29/30, Frankfurt-am-Main, V. Klostermann, 1983, p.

273 ss) relativas à questão da relação ao mundo (da parte) do homem, que seria, ele, configurador de mundo (*welbilden*), do animal, que seria pobre em mundo (*weltarm*), e da pedra, que seria, ela, sem mundo (*weltlos*).

Os laços entre Celan, Blanchot e Derrida estarão ainda presentes em «*SINGBARER REST: l'amitié, l'indeuillable*», o último texto do livro de Ginette Michaud que termina em torno do segredo da «amitié indeuillable entre Celan, Blanchot et Derrida»: os dois escritores com os quais, no entender de G. Michaud, Derrida «aura noué jusqu'à la fin les rapports les plus intenses dans toute son œuvre, les portant l'un et l'autre» (cf. p. 169). Salientando, primeiro, a relação existente entre o dom e a morte (cf. p. 140 ss) e, depois, a existente entre o luto e a amizade, mais precisamente entre a impossibilidade do luto e a amizade «à la vie à la mort» (cf. p. 149), relações que requerem uma certa maneira de portar, de *bem* portar o outro (cf. p. 142), o derradeiro texto do livro de Michaud debruça-se sobre a amizade: sobre a questão da amizade propriamente dita, se assim se pode dizer; sobre a relação entre amizade e tradução e sobre a amizade como a condição de Blanchot e Derrida por Celan. Sobre as proximidades electivas e os testemunhos poético-pensantes de uma tal proximidade através de episódios quase secretos da vida (cf. p. 146-151) e de outros, menos secretos ou diferentemente secretos, inscritos na obra (cf. p. 152 ss) até quase *ao instante da morte* (cf. p. 162-168) – episódios que, na sua respectiva singularidade, não deixam de testemunhar, por um lado, como as suas proximidades cavam, uma vez mais, uma distância comum relativamente ao pensamento do poema e do mundo de Heidegger (cf. p. 169) e, por outro lado, como as suas proximidades não impedem igualmente a sua separação: não a separação tida como o éter e a respiração da própria amizade, da amizade que *é precisa* («*il faut*») (cf. p. 169), não «o absoluto da separação» (Blanchot) como condição da relação destes amigos que, no dizer de Derrida de *Políticas da Amizade*, aqui citado por G. Michaud, «n'aiment qu'à se séparer au loin. Ce n'est pas tout ce qu'ils aiment mais ils n'aiment et ils n'aiment l'aimance, ils n'aiment aimer, d'amour ou d'amitié, qu'à la condition de ce retrait.» (PA, p. 54)», (cf. p. 148), não portanto a (justa) separação de *Celui qui ne m'accompagnait pas*, que desenha uma certa ideia de *comunidade*, desenhando uma política da separação; mas a separação do diferendo entre eles. Uma separação *na* proximidade, *apesar* da proximidade amigável e admirativa que G. Michaud aqui assinala, nomeadamente ao nível do seu pensamento da amizade, dando conta da acuidade do ouvido de Derrida para a escuta do «esprit doux et accent circonflexe» na célebre frase atribuída por Diógenes Laércio a Aristóteles: «*O philoi, oudeis philos*» (Oh amigos, não há amigo»). Uma frase que capitaliza o legado ocidental do pensamento da amizade. «Lui, Derrida, aura ainsi été le seul, l'unique



exception [...] à prêter l'oreille à ce souffle, à ce «reste» à peine «chantable», esprit dur ou doux qui réveille l'inattendu et qui se révèle assez puissant dans sa faible force pour inverser sinon renverser toute une tradition/traduction interprétative» (cf. p. 159) – nada menos que a tradição androcêntrica da amizade, na qual de certo modo Blanchot também ainda se insere, e cuja desconstrução Jacques Derrida levou a peito por todo o lado na sua obra e, muito especificamente, e a par da desconstrução da esquemática da filiação e da fraternização do político, em *Políticas da Amizade* (1994) [trad. Port. Fernanda Bernardo, Campo das Letras, Porto, 2003].

Em jeito de pedra de toque – e a «pedra» e a «pedra de toque» («*Pierre de touche*») é também uma das figuras que, «figura» do próprio poema, do *Resto* que aflora no poema, *como o próprio poema*, percorre este livro do princípio (cf. p. 11) ao fim (cf. p. 183) –, o livro de Ginette Michaud termina, como só podia mesmo terminar, com um derradeiro «Post-scriptum» (cf. p. 173 ss). Um sofrido «post-scriptum» que ousa pôr a nu uma correspondência trocada pela autora com os filósofos Jean-Luc Nancy e Georges Leroux (cf. p. 177-182) em torno do risco, da aventura, do desafio, da impossibilidade ou da loucura da tradução poética. Numa palavra, em torno do «point d'intraductibilité», marca da singular soberania do poema. Um «point d'intraductibilité» concreto. Um «point d'intraductibilité» aqui testemunhado na tentativa ou no desejo – um desejo que não deixa de pôr a nu a imensa provação que, na sua im-possibilidade, é a tradução, toda a tradução e mormente a tradução poética –, de fazer justiça à derradeira palavra do poema «*Welchen der Steine du hebst* –» de Celan, comparando as suas diferentes versões em língua francesa e inglesa – diferentes versões que, no dizer de G. Michaud, «ont [toutes] tenté de s'en détourner, d'"esthétiser" l'insupportable» (cf. p. 178) – e tentando aquilo que, na pegada da designação de Jacques Derrida, se pretende uma «tradução “relevante”» da “terrível” palavra «*Verderben*» (perda, perdição, ruína, corrupção, decadência, declínio, deterioração, degradação, queda, ...) – a derradeira palavra do poema. Uma palavra mais do que enigmática, uma palavra que não é sequer *uma* palavra mas «*plus d'une*»: «mais de uma» e, por isso, e enquanto tal, «nem *uma*». Nem sequer *uma* (una). Uma tradução “relevante” aqui ousada, numa língua que não é a sua – a inglesa –, pela «Translation modified» de Ginette Michaud (cf. p. 183) a partir da tradução inglesa de John Felstiner:

«*Welches der Worte du sprichst - / du dankst / dem Verderben.*» (Paul Celan)  
 // «*Quel que soit le mot que tu prononces - / tu remercies / la perdition.*»  
 (Valérie Briet, 1991) // «*Quel que soit le mot que tu dis - / tu rends grâce / à perte et périr.*» (Jean-Pierre Lefebvre, 1998) // «*Whichever word you speak*

- / *you thank / perdition.*» (Joachim Neugroschel, s/d) // «*Whichever word you speak - / you owe to / destruction.*» (John Felstiner, 2001) // «*Whichever word you speak - // you are thankful to / decay.*» (Ginette Michaud, 2009): «Seja qual for a palavra que profiras – / Agradeces / à perda. (F.B.)»

Apesar da ousadia da «translation modified» de Ginette Michaud para «rendre justice à «*ce Verderben*»» (cf. p. 183) (eu sublinho), como não pensar que esta palavra é assim como que *uma* pedra atravessada («*Pierre d'achoppement*») no caminho, no “fim” do caminho do seu livro que abre? *Uma* palavra que resiste à tradução (*sem resto* ou *sem luto e melancolia*), à mais relevante das traduções, que põe à prova, e que tanto aponta para a irredimível «noite da língua» (Michaud, p. 183) – uma noite que, antes mesmo de não se deixar traduzir de língua em língua, de uma língua para outra, não se deixa sequer traduzir em nenhuma língua do mundo, de quem é o *limite* abissalmente líquido, – como para a *insuportável* responsabilidade do poeta-leitor / tradutor obrigado, como está, ao impossível. Obrigado ao impossível e destinado ao im-possível – que o mesmo é dizer, e ao luto e à melancolia do poema, como o próprio poema – ou à sua tradução –, e à *irreduzível* aporia da tradução.

Mas deixemos aqui a última palavra a Ginette Michaud e a esta obra doravante imprescindível aos leitores de Paul Celan e de Jacques Derrida: uma palavra que, tão cheia de *justo* saber quanto de tacto, tão cheia de tacto no seu *justo saber*, não pode senão ir direita ao coração dos tradutores, enlutados, que estão, pela *insuportável* paixão, pela *insuportável-necessária* paixão da tradução – que é a tradução, poética ou não, em sede derridiana:

«“Verderben”: *dernier mot de ce poème de Celan, dernier mot de ce texte, dernier mot de ce livre. Est-il possible de le laisser résonner ainsi sans ajouter un mot, un mot encore à son sujet ? Ce mot est l'impossible même de la traduction, de la transmission, de l'interruption de toute transmission : il est le point de butée, le point d'achoppement de toutes les traductions, françaises et anglaises qu'il m'a été donné de lire de ce poème de Celan. “Verderben” aura été jusqu'au bout, et jusqu'à l'extrême limite – cette limite dont Jacques Derrida écrit qu'elle “ne se touche pas” [...] “Verderben” ; le point de traduction le plus énigmatique, le plus difficile, disons-le : le plus insupportable – à porter néanmoins.*» (p. 173).

Coimbra, Fev. 2010